

José Joubert Chaves  
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA.

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photograzura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 25 DE ABRIL DE 1904

NUMERO 25



A ÚLTIMA BATALHA NAVAL EM PORTO ARTHUR NA QUAL FOI MORTO O ALMIRANTE RUSSO MAKAROFF

Foi um phenomenal ataque esse que se realizou em 12 de abril e que os telegrammas de Chefes noticiaram a alarmar o mundo com esse terrível laocismo de telegrapho. Ao começo não se acreditou em semelhante coisa, porque realmente era deversas extranho que o contranado Petropavlovsk tivesse ido a pique no momento da retirada e levando á morte toda a tripulacão além do almirante Makaroff. Mas vieram os relatorios officiaes e de todos os lados houve um grande pasmo. Gogorovitch, o novo almirante, noticiou o desastre ao czar e logo houve a corteza do caso.

Nela madrugada os japonezes avançaram sobre Porto Arthur e retiraram logo que os russos se dispozeram a perseguilos. N'este instante 40 navios japonezes, que se occultavam por detrás da ilha

de Lillao Tehang, surprenderam a esquadra que recuou por sua vez. Mas n'este momento os torpedos collocados habilmente explodiram e quatro navios russos foram postos fóra de combate. O Petropavlovsk fugia para terra e como levasse agua aberta submergiu-se a duas milhas do porto, levantando um altissimo e uma grande massa d'agua que sobiu a uma enorme altura. Makaroff achava-se na sua cabine e grão duque Cyrillo, primo do czar, estava sobre a ponte quando succedeo o desastre e lançou-se a nado, ficando ferido nas pernas e no rosto. A catastrophe que roubou 893 vidas duros apenas minutos e meio, sem que os japonezes tivessem perdas consideraveis.

# CHRONICA

## As rosas n'este anno!

Em abril chuyas mil, que é para se avigorarem as rosas que hão-de engalanar o maio, que é para dar de beber á terra que hão-de procear os trigos no verão. E as chuyadas tem sido constantes e tem entristecido a cidade, já de si triste agora por demais, em que nas manhãs, quando acordamos, não sentimos nas ruas as vozes frescas, os pregões cantarelados dos vendedores de jornaes, como se estivessemos n'um cerco, como se por todos os lados milhares de bayonetas luzissem e se ericassem a guardar a vida d'uma cidade. Os jornaes não appareceram, não vieram frescos com as suas noticias alarmantes, ainda molhados da tinta d'impreisa, servir de despertador ás nossas modorras das noites.

E não appareceram, porque os typographos, os nossos companheiros d'amarguras e de glorias, que partilham connosco o pão e as dôres, que são como os nossos consequentes, se declararam incompatíveis com os proprietarios dos jornaes.

Oh! muito me lembrou durante a semana aquelle meu velho lente d'economia politica que, quando me chamava á lição, punha uns olhos negros como para me ver mal, o sauto do ancião... E' que nós dissertavamos, exaltavamos-nos, elle do alto da sua cathedra agitando a rotina do compendio, eu de pé, em grande alarde a bradar-lhe refutações. Lembrou-me que, uma vez, a aula pasmou ao ouvir-me atirar ao lente certa phrase, laconica, breve, incisiva e immortal de Proudhon acerca da propriedade. Como nos pegavamos...!

Era interminavel a discussão, elle catturava sobre o capital e sobre o trabalho, marcava as leis d'offerla e procura, indignava-se, enquanto eu com o jovial espirito dos dezoito annos lhe reclinava o meu Marx e o meu adorado Malatesta a fallar-lhe dos direitos dos obreiros.

Recordei-me d'isto durante a semana, e muito, ao pensar que jámais dissetimos a possibilidade de ver um dia o trabalho erguer-se contra o trabalho como agora, levantar-se em massa, n'um impeto, n'uma luta não contra o capital mas apenas d'uma classe contra outra classe, como se não houvesse necessidades de parte a parte.

E' este o caso, que, quem reflectir, verá na incompatibilidade d'agora:

D'um lado os pequenos jornaes cobrem-se com



O EMBARQUE DA LOCOMOTIVA «DESJAYVILLE»

os grandes, solidarios com elles, temendo a morte, porque mal se vendem, porque mal se agumentam; do outro os operarios mal pagos encobrem-se com os de razoavel salario, impondo as suas razões. De lado a lado ha apenas homens solidarios, interesses protegendo interesses, grandes protegendo proletarios, porque proprietarios da pena são os redactores d'esses pequenos jornaes, porque proletarios são muitas vezes os seus redactores chefes que do jornal vivem, porque obreiros são todos os que lutam no campo das letras, quer gerando, quer transmitindo, por meio d'esse typo negro que vai a imprimir e a espalhar, a leitura. E os typographos, vendo isto, afirmando a lava, clamando, só reparam nos seus lares e esquecem os dos outros, olvidam as amarguras que os seus antigos companheiros soffrerão, dado o caso que pelas suas reclamações desapareçam as pequenas empresas de jornaes, que os grandes cobrem como nas batalhas navaes os cruzadores de primeira linha protegem as canhoneiras de segunda, como os homens feitos protegem as creanças e como nos ninhos as aves guardam sob as azas protectoras as outras terrinhas, que mal ajeitam. D'um lado ha o entusiasmo de momento que cega como uma luz fulgurante após umas trevas, do outro ha a consciencia d'uma protecção que se deve estender assim sempre: depois o mal é egual.

Desapparecendo empresas de segunda ordem onde os proletarios ainda tiram para comer, a offerla de braços será maior e d'ahi a baixa de salario como uma lei economica que se impõe fatal, poderosa, como todos os dogmas, como todos os corollarios d'essas leis economicas que não podem fallar senão quando toda o systema se transforme.

Por isso me lembrei muito do meu velho lente, das minhas ideias atridas de facto, da minha ousada phrase proudhonica a cair, a estalar como um obuz no meio da aula.

Atendendo porém á lentidão da evolução social, o homem, n'um paiz como o nosso, deve ir ousadamente procurar o lenitivo nos seus males, conquistar os seus direitos, ganhar os seus foros, mas quando vir d'um lado gente a abarrotoar d'onro, a tresnar felicidades, a expôr grandezas, a impôr barrigas fartas...

Não se dá agora esse caso: São como mineiros buscando arrancar ouro do logar onde não ha, porque esses pequenos jornaes são terrenos sem filões e mesmo sem fertilidade.



O TABOLEIRO ASSENTE NO SEGUNDO PILAR

Os jornaes só tem uma receita: a venda. Ha jornaes que se mantem dia a dia, como geralmente todos os trabalhadores da impreisa se mantem. Quem conhece bem a receita dos periodicos são os mais modestos dos nossos companheiros: os vendedores. E elles lavraram o seu protesto, ficaram firmes, a vêr o caso e a recusar o seu auxilio aos que fazem as exigencias, ficaram na sua obediencia, ao conhecerem a impossibilidade que tem as empresas em acceder aos desejos dos typographos.

Por isso tudo e porque o trabalho ataca o trabalho, tudo acabará sem proveito para ninguém.

Por isso, a questão será como o balão do *Ferramenta*, fez bulha, chamou povo, tomou colorido, encheu, ficou cheio de gaz, agitou multidões e quando os aeronautas queriam metter-se na barquinha elle partiu, foi pelos ares fóra, não satisfazendo o seu proprietario que ficou em terra, não satisfazendo



A CONSTRUÇÃO DO ATERRO

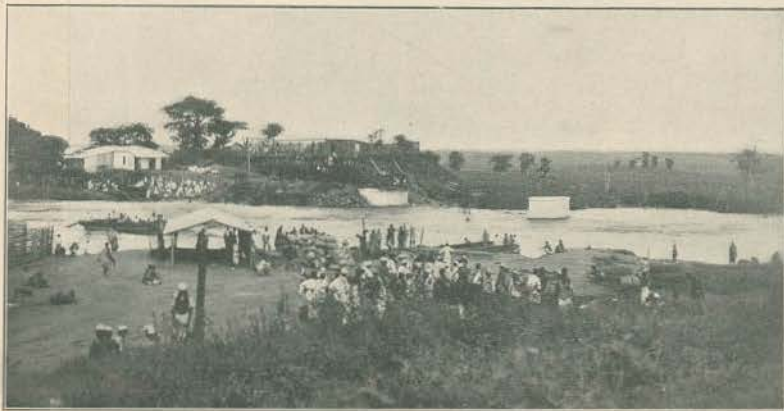
o povo que apenas o viu tropear, trepar, subir, perder-se nos ares para cair sabe Deus onde.....

E' isto em abril quando as chuyas avigoram as rosas que hão-de florir em maio, mez de Maria e de reivindicaciones obreiras...

Só servirão para campas as rosas d'este anno!  
ROCHA MARTINS.



A PONTE DE LUCALLA  
TIRADA DA MARGEM ESQUERDA DO RIO



O TABOLEIRO ASSENTE NO PRIMEIRO PILAR

## A CONSTRUÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE LUCALLA

A ponte de caminho de ferro de Lucalla foi posta a concurso, sendo adjudicada a construção á Société anonyme de construction et des ateliers de Willebroeck. O projecto foi elaborado pelo en-

geheiro Sevrig. A ponte é d'age e de viga continua lançada sobre dois vãos, tem o comprimento total de 100 metros e fica no começo do prolongamento da linha d'Ambaca.



A EXPLANADA DO CLUB DOS ESTRANGEIROS NO FUNCHAL

Chegou a época da vida ao almar n'aquella formosa Madeira, lugar tão privilegiado pela natureza que o seu mar é sempre azul e o céu sempre suave, o clima temperado, doce, a amadurecer os frutos da região e a fazer desabrochar a vegetação luxuriante da ilha que é como uma linda perla perdida no oceano. É uma estação como Nice e como Monte Carlo onde os estrangeiros affluem, onde desembarcam em caravanas nas quaes veem príncipes e mulheres formosas, a civilização trazida ás baforas com a alegria entusiastica que o lindo clima dá a queisar o humor desento das terras aborrecidas e ricas como Creta, e a gerar *Mira* na elevação das tardes eternamente bellas. No Club dos Estrangeiros ha n'essas tardes, diante do mar calmo, um grande balcão, uma animação estranha, ouvem-se as aves cantando e a orchestra convida a valças nas salas amplas, cheias de vida, enfeitadas com luz.

E ha sempre a mesma variedade de trajes, o mesmo ruido de consolação em todas as linguas da Europa, soam tiradas, andam as mulheres graciosas nos pares, sinquanto o comercio a vida do porto pelos portos rubros de poesia e d'ardencias, em glorias de noite, em castellos revoltos que o mar parece tocar lá ao fundo onde apparecem nuvensinhas breves de fumo dos *steamers*, que veem despoliar mais gente do mundo abarrecido na ilha d'encantos, cheia de floridas vergeas e que já se collocou a par das outras estações esportivas onde pallida o lazer com as scenas a Bourget, onde a riqueza vem de traço dado com o bom gosto accumulando-se por massa a descauzar do turbilhão das capitães.



JOAQUIM MICHEL ARTAL  
Auctor do atentado

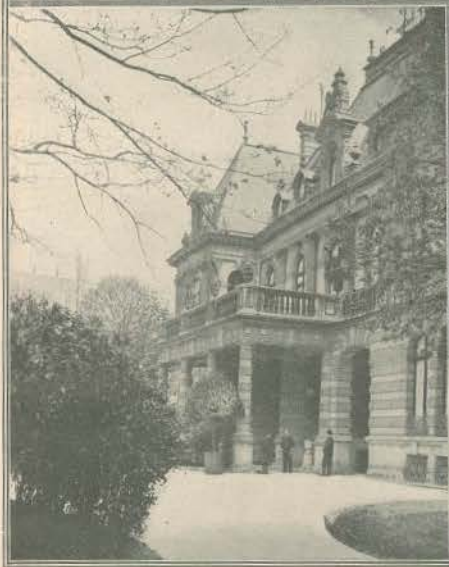
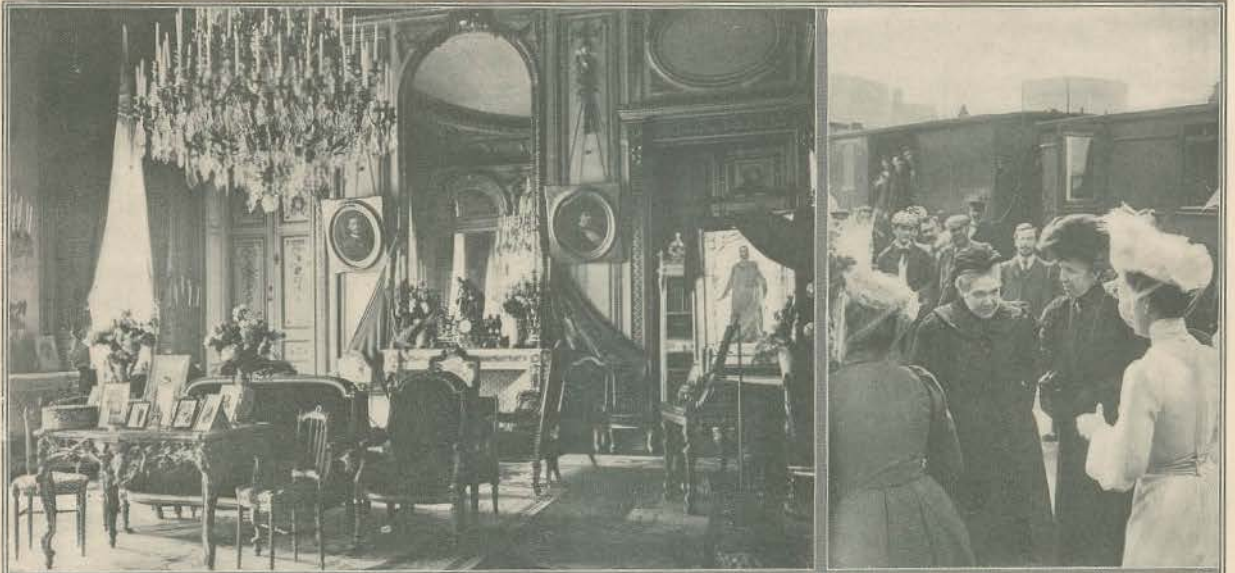
O ATAQUE A MAURA EM BARCELONA EM 12 DE ABRIL.—(Segundo um croquis enviado de Barcelona para o «Heraldo de Madrid»)

O presidente do conselho de Hespanha, D. Antonio Maura, accompanhou el-rei Alfonso XIII a Barcelona apesar das ameaças recebidas de parte d'alguns elementos libertarios da cidade. O ministro, no entanto, partiu e com verdadeira despreocupação assistiu a todos os actos officiaes. Em 12 de abril, Maura recebeu d'el-rei o encargo de entregar a deputação provincial para ella distribuir pelos potros. Quando chegava junto ao Arco de la Mercad, um operario castizo de nome Joaquim Michel Artal, rapaz de 19 annos, approximo-se do trem e como Caserio Santo, o assassino de Caraoi, flagiu querer entregar um memorrial. No momento em que o ministro se curvava para o receber, elle, pondo o pé no ostribo da carroçagem, vibrou-lhe uma panhalada que, resvalando nos bordados da farda do presidente do conselho, o feriu ainda, ao mesmo tempo que o criminoso bradava: Viva a

anarchia! Logo o correspondente especial de Heraldo de Madrid, sr. Mateco, se accreou enxugando o sangue com o seu lenço e o ministro exclamou:

— Não é nada!

E seguiu na carroçagem para a hospitalição, subindo pelo seu pé a escadaria, dando assim provas d'uma enorme coragem e recolhendo ao leito só a instancia dos medicos, apesar da ferida ser um tanto grave. O Joaquim Michel foi conduzido ao carcere a deve ser julgado pelo collegio dos delictos communs, a pedido do agredido, apesar das suas ideas libertarias que são punidas em Hespanha por uma lei especial.



A RAINHA ISABEL II FALLECIDA EM PARIS A 6 DE ABRIL

A SALA ONDE FOI DEPOSITO O CORPO DA RAINHA—O ULTIMO PARRUO DE S. M. COM A RAINHA DE ESPANHA NO INTERIO PARRADO—FACHADA DO PALACIO DE CARTELLA ONDE SANTO D'AMATE O REI E A RAINHA ISABEL II — A COFFUNDO DO FRETTO PARA A "GRANDE OCEANO"—A DEFILADA DAS TRUFAS NA "GRANDE" DO CADE DE ORLEANS.

Essa soberana que amou de falhar e que deixou o seu país um dos momentos mais trágicos da história moderna lembra muito um daqueles perfis vigorosamente traçados por Daudet nos seus *Releus d'Exilio*, em que elle parecia profundar os almas até ao amago, revoltas e trazes-as depois à luz.

Isabel III viveu sempre em França recebendo a dotação assignada pela Hespanha onde ficou governada: seu filho e depois seu neto, o actual monarcha. Ex-

trahia a polívia, não podendo ir a Madrid, vivendo n'um recolhimento, a reitor rainha, n'esse Paris de todo o mundo, devia sentir a falta das pompas, das intrigas, das agitações que tanto sobressallavam a gente d'essa corte da Hisyria tratada por Daudet.

A rainha acaba de fallecer após muitos annos de exilio e o seu cadaver foi cobellido com todas as honras para junto dos seus antecessores, para a gloria de marmore que e o Escorial, panteão dos monarchas de Hespanha, onde ficou desde 14 de abril.



O HOSPITAL MILITAR DE TOKIO

LEGAÇÃO RUSSA NA COREIA

A GUERRA RIUSSO-JAPONEZA



A GUERRA RUSSO-JAPONESA:—O COMBATE DE TIENGTIN

A cavallaria japonesa illustrou-se n'este combate a qual os russos tiveram 400 mortos e grande numero de prisioneiros. Já em Kasan estes tinham usado da tactica que lhe boax resultados tem dado.

Ocultam as suas forças durante muito tempo nos desfiladéus e nos penhascos e fazem avançar a cavallaria, sempre numerosa e magnifica, a qual se lança n'uma galopada extraordinaria contra os russos. O embate é ruidoso e cruel, quando os japonezes retiram em boa ordem e são perseguidos, as forças occultas sahem ao raminho dos russos que lhes cahem nas mãos.

Foi por este modo que elles venceram em Kasan e agora em Tiengtín.

Avencitam-se, pois, de dia para dia as grandes vantagens que a gente do Extremo Oriente obtem tanto em terra como no mar, mostrando o seu valor ao derrotar uma das maiores potencias da Europa em successivos encontros.

Os seus almirantes e os seus generaes collocam-se a par dos europeus e parece que o resultado da guerra será favoravel aos amarelllos.



O SAVEIRO «PORTUGAL» DA COMPANHIA VICTORINO QUE NAUFRAGOU NA COSTA DE CAPARICA

Pela madrugada de 11 de abril, como o mar estivesse sereno, muito calmo, o arcebispo António Manoel foi para o mar no saveiro com a sua companhia formada por 15 homens. A pesca devia ser boa e elles animados, cheios de esperanza, lançaram a rede a 8 cordas de 116 braças da distancia da praia onde flutuam tres humes guardando a corda da pinda. No mar viraram a proa, deixavam cair a rede nas aguas até muito serenas e logo agitadas quando a maré começou a escher. O arcebispo franziu o sobrelho e disse: Toca a virar para terra! Já estavam com as esperanças perdidas no resultado da pesca e buscavam apenas alcançar a praia. Neste momento, a distancia de 20 braças, uma onda golpeou o saveiro e logo outra, depois mais faziam levantar aquella fragil taboado que conduzia 18 tripulantes. Já estava perdido o governo e o mar era cada vez maior, mais forte, erguendo sempre o barco e acabando por emborealo.

Os homens lutavam com as cordas na ardente esperanza de alcançarem a praia, uns nadavam vigorosamente, outros agarravam-se a uma ancinella ao barco, enquanto de terra viaha um grande alarido da população que correu para a beida do mar. Logo já a manhã, alguns naufragos chegam, eram abraçados entre lagrimas. Fazia-se um grave silencio quando se procedia a chamada da companhia e foi uma geral desolacão quando se notou a falta de dois homens. Tres companheiros atiram-se de novo a agua, nadaram em direccão ao barco e conduziram consigo o pescador Raphael Simões que ainda encontraram agarrado ao barco. Nesse tempo, a tona d'agua um viuto. E o companheiro que falta. Correm a buscá-lo e vêem ser José Rodrigues, um pobre meço, e a unica victima d'esse lamentavel desastre que votu lançar o luto na vida trabalhadora e ardua dos pobres pescadores.



A VICTORIA DAS ARMAS PORTUGUEZAS NO BAILUNDO

O gentio do Bailundo de ha muito anda revoltado, tendo á sua frente a soba grande Bende-Fonte. Queriam extirpar a pagar as suas e os direitos do krunal, perseguiram os enviados portuguezes e entraram em franca e aberta rebelião. Organizou-se uma columna expedicionaria que sustentou um combate em 31 de março. O inimigo avançou em massa, n'um clamor, aos guinchos e aos berros, apertando as armas e fazendo um fogo por vezes caótico. Os nossos esperavam-nos a pé firme e ao cabo de 2 horas de ruidosa lucta conseguiram pôr em fuga o gentio que deixou no campo innumeradas victimas, ficando entre ellas o proprio regulo grande

Bende Fonte. O relatório do governador geral dá como feridos do nosso exercito um alferes, um sargento e dois soldados que mais casualmente perseguiram os indigenas. Restabeleceu-se enfim a tranquillidade e ficaram alguns dos nossos mantendo o gentio e protegendo a condução dos gados aprisionados. Vão ser concedidas medalhas aos officiaes e soldados que tomaram parte n'este memoravel ataque, o qual illustra as armas portuguezas a par da victoria tambem obtida na Guiné pelas nossas forças navas e terrestres.



# ARTE E ARTISTAS BRAZILEIROS

**Helios Seelinger**

Helios Seelinger, artista na essência, conquistou o premio de viagem que a Escola de Bellas Artes concede ao pintor que mais se distingue na Exposição annual.



LE DIABLE (SYMBOLICA)

non com as lendas phantasticas e mythologicas, fortaleceu-se n'um desenho vigoroso, uma anatomia vibrante, e no seu amor de esthetica uma paixão violenta pelo m' bello e puro, o symbolismo por vezes forte demais, agitandose em contornos violentos, em coloridos fortes.

Natureza assés vibratil, caracter violento, indomavel, toda a sua forma de pintura roseta-se d'uma vitalidade exuberante na forma, n'um desenho vigoroso. Traço firme, n'uma alacridade sã, na cor forte e vivida como nos Pannos - alegres. Por vezes o colorido perde esta alacridade e transforma-se em letifica e dolorosa como no Vagoso, Sangue, Remorso, mas sempre com a mesma pujança. A mania de seus ritos é firme, a forma é quente, a musculatura perfeita, os nervos, agitandose, tem vida e movimento.

Apesar dos dois annos que passou entre nós do regresso da Alemanha, a influencia da impresso que de lá trouxe ainda o domina, não deixando

Brazileiro, de descendencia allemã, cursou aqui a Escola de Bellas Artes; depois, a conselho dos mestres que viam n'elle um talento fora do commun e disposições artisticas originaes, foi, a expensas suas, para a Alemanha, onde cursou as Academias e recebeu 11.200 dos mestres com grande aproveitamento.

Demorou-se 7 annos na Alemanha, onde se impressionou

desenvolver-se livremente a sua personalidade em toda a exuberancia vital dos seus 27 annos, nem firmarse n'uma feitura toda sua, onde vibre unicamente a sua alma excelsa de artista.

D'uma actividade extraordinaria, nervoso, irrequieto, trabalha, desenha, amontoa esboços, agita-se em movimentos febris; esbata uma forma n'um gesto seguro e firme do polegar.

Seu espirito é fértil em concepções arrojadas, em grandes assumptos de composição complicada; o seu actual anhelo é o *Nô* e a *Decoración*.

O desejo firme de trabalhar e estudar que o leva á capital do mundo civilizado, as idéas que o agitam n'uma febre do novo, o seu trabalho será diverso do que tem feito até agora. A escola allemã unida á escola franceza, a graça e a elegancia burlando a forma, a grande originalidade do seu talento, é de esperar que da união d'esses diversos elementos, Helios Seelinger volte um grande artista, com uma feição toda sua, d'um sabor artistico incomparavel, extraordinariamente original e bello, em que se firme a sua individualidade, por ora não francamente delinida.



ATHLETA (CONSULTANTE)



O OIRO

dilacões d'ouro fosco, as figuras são delicadas e d'uma tonalidade surpreendente.

Este trabalho é a *toral* (baralho de cartomancia) composto de 74 cartas, cada uma d'um symbolismo distincto, e que pela originalidade reproduziu algumas, como merecimento artistico e curiosidade.

Do resto o Brazil hoje vai a resplandecer com a sua arte, vai tendo glorias na pintura como na escultura para juntar aos homens de letras, que tem dado brado no mundo, cujos nomes tem atravessado os mares, chegando até nós com as suas obras poeticas repassadas de sentimento, com os seus livros cheios de força e de fé, com as suas peças sentidas e humanas.

Este artista é o primeiro d'uma enorme geração que ha-de illustrar o Brazil, irmão de Portugal pelas tradições e pelos caracteres.

A personalidade d'esse artista, que já começa a dar um impulso novo á arte, destaca-se como uma luz d'arte de arrogante brilho na galeria dos pintores brazileiros. A sua pintura tem alguma coisa das linhas breves da moderna arte á mistura com fascculos nervosos que affirmam o seu temperamento.

A extrema impressionabilidade dos seus nervos marca-se e define-se n'esses quadros que receberam o premio na exposição do Rio de Janeiro.

N'aquella figura extranha da *Força*, como no delicado contorno da *Cleopatra*, como no *Louco* que tem muito de *torrivo* e de saltitante, o artista revela-se. Aquella mulher de *Crítica mordaz*, aquelle mesmo retrato do pintor tem linhas admiravelmente traçadas, chapadas magnificas. Ha um resurgimento no processo de fazer e que é uma escola imaginada nos lendas germanicas das balladas, dos gnomos, da mythologia especial d'essa raça tertonica de que o artista é descendente.

E' pena que se vá inspirar na escola positiva que é a franceza, porque, sem duvida, ganhando por um lado, perderá a sua symbolica maneira, que no fim de tudo é a feição caracteristica do seu temperamento.



LA FORCE (SYMBOLICA)



RETRATO DE HELIOS SEELINGER - PINTOR DA BOHEMIA, FEITO POR ELLE PROPRIO

O lanchado artista acaba de produzir um originalissimo trabalho primoroso como arte symbolica, rico em coloridos leves, em desenho gracioso e elegante. Resaltando em graciosos lavres por entre riu-



CLEOPATRA (RAINHA DE OUROS)



LE FOU (SYMBOLICA)



OITO DE ESPADAS (CRITICA MORDAZ)



INDIGENA (DAMA DE PAUS)



A MISSÃO DE ESTUDO À ILHA DA MADEIRA PARA A FORMAÇÃO DE SANATORIOS — A MISSÃO DEPOIS DO «LUXO» OFFERECIDO PELO SR. COMMENDADOR MANUEL GONÇALVES

1.º SR. BISMANN; 2.º GODEFROY; 3.º MANUEL GONÇALVES; 4.º STEIN; 5.º CONSELHEIRO OFENBACH; 6.º DR. ROHRECK; 7.º PROFESSOR FRANKEL; 8.º CONSELHEIRO REYNOLDS; 9.º CONSELHEIRO VON RATH; 10.º CONSELHEIRO GERTNER; 11.º BAKENBOLZ; 12.º THERAK; 13.º GONZALEZ; 14.º SR. REPP; 15.º REULE; 16.º WOLFF; 17.º SR. ROSA MACHADO; 18.º CAPITÃO PINTO; 19.º PIERRE; FERNANDES; 20.º SR. GOLLESON; 21.º A ESPOSA DO SR. MANUEL GONÇALVES; 22.º GOVERNADOR MILITAR; 23.º MADAME STURM; 24.º DR. FREDERICO MARTINS; 25.º MADONNELLA STURM; 26.º MADAME SOFIA WOLFF; 27.º CONSELHEIRO THUR; — 1.ª S.ª MISSÃO D'ERA, CATALANEA NA SERRA DE CAMARÁ; 2.ª S.ª MISSÃO A MISSÃO EM CASA DO SR. COMMENDADOR GONÇALVES NO TERRAÇO DA SIA TELA DO MONTE; — 3.ª S.ª MISSÃO A SERRA DO LICEU «WORMANN» DO FICHAL; — 4.ª S.ª MISSÃO DECAVON; — 5.ª S.ª MISSÃO «FIVE-CLOCK TEA» NA CAMARÁ.

Viam no *Lacie Eschmann* os médicos e engenheiros alemães que, delegados pela Empresa que vão fundar sanatorios na Madeira, ali estiveram durante três dias. Andaram estudando o local, fazendo planos e pensando o bello clima. Foram-lhes oferecidas grandes festas, os ranchos alegres em cavaymas de alegria e de entusiasmo prorrogaram a ilha, andaram em cavalgadas pela ilha na boa temperatura e doce e após os seus trabalhos passaram em Lisboa onde empunharam S. M. a rainha senhora D. Amélia, augusta protectora da obra que vai enriquecer aquella nossa possessão e servir de lenitivo a tantos mal.

Saíam, — médicos, engenheiros, nomes gloriosos d'essa Alemanha moderna das descobertas e das descobertas e sciencia, — todos elles se foram d'alma e coração á obra dos sanatorios que receberam os ricos e o os pobres n'uma esperança de curas rapidas. A commissão dos sanatorios voltará brevemente a Madeira para dar começo ás construcções, vindo tambem e por essa occasião S. A. o principe de Hohenzollern, presidente da sociedade alemã que vai explorar os magníficos estabelecimentos cuja planta já publicámos.

A ORAÇÃO DA TARDE A BORDO DO CRUZADOR RUSSO *ASAOLD* EM PORTO-ARTHUR

O BALÃO DO «FERRAMENTA» — O BALÃO «PORTUGUEZ» — OS AERONAUTAS NA BARQUINHA

Domingo, 17 de abril, os aeronautas Magalhães Costa e «Ferramenta» contractados pelas empresas da praia de touros de Algés, pensaram realizar uma ascensão. O vento estava desfavorável, soprava com violência, e como o administrador de Oeiras interrogasse a sr. Magalhães Costa acerca do perigo provável da ascensão e recebesse como resposta que o vento estava de pouco feição, aquella autoridade prohibiu que o *Portuguez* subisse, isto no meio de clamores do povo que se indignava. Com effeito o vento fazia oscillar extranhamente o aerostato que arrastava com o peso das

saccas de arêa, que não o fixavam. E, então, dando uma volta com a rajada mais forte, o balão escapou-se pela rede envolvente e elevou-se nos ares, deixando em terra os aeronautas enquanto a multidão soltava estrepitosas gargalhadas.

O prejuizo que o sr. Ferramenta teve é calculado n'um conto de réis, que tanto valia o *Portuguez* a qual, segundo se diz, cahiu proximo de Coimbra em lamentavel estado.



A TUNA COMMERCIAL QUE REALISOU O SARAU DE APRESENTAÇÃO NO THEATRO D. AMELIA EM 17 DE ABRIL

São com os membros d'esta tuna que nasceu da classe commercial. Essa coorte de rapazes, aproveitando uns momentos de folga, organizaram sob a regencia do maestro Miguel Ferreira e conseguiram apresentar-se ao publico, que dallrazão os aplaudiu. Levou muito tempo essa organização, fez-se com perseverança, com vontade, com força, e só-a finalmente triumphou com o tudo o que se faz na energia anela de se realizar.  
Aquelle sarau magnifico, em que pela primeira vez se tocaram os instrumentos de invenção de Miguel Ferreira, bandoleta,

bandoleta e requinta, esteve perfeitamente á altura dos elogios que a imprensa fez a esse grupo de rapazes, entre os quaes ha verdadeiros artistas. A festa correu antaxia, fazendo-se tambem ouvir o guitarrista Carmo Dias, na piazuela Jorge d'as Reis, o qual, como sempre, após o facto localo com o sentimento peculiar do eximio artista, foi applaudido com justiça.  
Agora a Tuna Commercial va i continuar os seus trabalhos, que lio magnificamente fora a simonadas.



JERUSALEM

## OS NOVOS PEREGRINOS

Por MARK TWAIN

TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Um peregrino — o *Enthusiasta* disse: — Olha aquella alta e esbelta rapariga! E' tão formosa como Nossa Senhora!

Outro peregrino acudiu logo: — como é elegante aquella rapariga alta! Tem tão accentuada a gentil beleza de Nossa Senhora.

E eu disse: — Não é alta, é baixa; não é linda, é vulgar. Muito elegante, admitto que seja, mas muito presumida.

O terceiro e ultimo peregrino não tardou a dizer: — Ah! que alta e airosa rapariga! E' tão bella como Nossa Senhora!

Estavam proferidos todos os voredictos. Era tempo agora de consultar autoridades sobre todas estas opiniões. Encontrei o paragrapho seguinte. Escrito por quem? Por Grimes:

«Já depois de termos montado, descemos até á fonte para ver pela ultima vez as raparigas de Nazareth, as mais lindas de todas que vimos no Oriente. Quando chegámos perto do rancho, uma rapariga alta de dezemove annos dirigiu-se a Miriam e offereceu-lhe agua para beber. Tinha um ar desembaraçado e gracioso. Soaram alli mesmo as exclamações de quanto ella se parecia com Nossa Senhora. Whitley sentiu logo sede, pediu agua, bobou-a devagar com os olhos por cima do puçaro, presos aos grandes olhos negros d'ella, que estava tão pasmada para elle como elle para ella. Um seguido Moreright tambem quiz agua. Deu-l'ha, e elle arranjou as cousas de modo que pediu ainda mais, e ella veio ter commigo, a quem havia avistado no entretanto; quando me encanou tinha olhos de zombaria. Desatei a rir, e ella approxinou-se tão alegre e folgazã como as camponesas do país de Orange. Descejava possuir um retrato d'ella. Uma Nossa Senhora, cujo rosto fosse a reprodução d'essa bella nazarena seria uma «cousa bella» e uma «alegria peremto».

E' essa especie de isana que da Palestina nos tem vindo ha seculos. Para encontrar belleza nos indios é falar a Fenimore Cooper, e para a achar nos arabes a Grimes. Os arabes são bastas vezes muito bem parecidos, mas as mulheres arabes não. A todos é licito pensar que a Virgem Maria era bella; não é natural pensar do outro

modo; mas segue-se d'ahi porventura que nos corra o dever de achar bellas as mulheres actuaes de Nazareth?

Apraz-me citar Grimes, por ser muito dramatico, muito romantico, e porque parece que pouco se lhe dá de dizer, ou não, a verdade, contanto que atore o leitor ou provoque o seu odio ou a sua admiração.

Ora, elle atravessou esta pacifica terra com o revolver sempre fechado n'uma mão e com a outra no bolso de trazer o lenço. Quando não estava para soltar um grilo á vista de um lugar santo, estava sempre a ponto de matar um arabe. Aconteceram-lhe na Palestina cousas mais surprehensivas do que nunca succederam a nenhum viajante aqui, ou n'outra parte, desde que morreu Munchausen.

Em Beit Jin, onde ninguém se mettu com elle, sahia da sua tenda a horas mortas da noite, e disparou sobre uma cousa que se lhe afigurou ser um arabe estendido sobre uma lage, a alguma distancia, com más tonções. A bala matou um lobo. Logo antes de ter feito fogo, traça de si proprio uma figura dramatica — como de costume, para metter medo ao leitor.

«Foi imaginação, ou vi eu uma cousa que se movia em cima da lage? Deu um bom tiro quando o meu albornos preto se destacava sobre a barraca branca. Experimentei a sensação de uma bala que me entrava na garganta, no peito e no cerebro.»

Que descendida creatura!

Na ida para Genezareth, viram dois bedninos, e «chucamos as pistolas que desprendemos seronamento dos cintos» etc. Sempre frio.

Em Samaria carregou sobre um monte, por causa de uma chuva de pedradas; deu fogo contra a turba-multa que tinha atrado as pedras. Diz elle:

«Nunca perdi uma occasião de fazer sentir aos arabes a perfeição das armas americanas e inglozas, e o perigo de atacar qualquer franco armado. Cuido que a lição d'essa bala não foi perdida.»

Em Beitin deu a toda a malta de arrieros arabes uma amostra do seu engenho, e depois:

«Contentei-me em affirmar solemnemente que, se porventura se desse qualquer acto de desobediencia ás ordens, eu castigaria o responsavel como elle nunca souhou que seria castigado, e, se não pudessem descobrir quem era o responsavel, acouta-los-hia a todos, desde o primeiro até o ultimo, ainda que houvesse de o fazer pelas minhas mãos.»

Corajoso até aqui, este homem.

Ydsco — sempre theatral — contemplando Jerusalem — agora com negligencia, e a mão d'esta vez sem estar agarrada á pistola:

«Eu estava na estrada com a mão sobre a pescoço do meu cavallo, procurando traçar com os meus olhos encadeados os contornos dos logares santos, que tanto tempo antes tinham fixado no meu espirito, mas as lagrimas que me inundavam o rosto malograram o meu intento. All estavam commoencos os servos musulmanos, um monge latino, dois armenios, e um juden, e todos da mesma sorte tinham os olhos razos de agua.»

Se os monges latinos e os arabes choraram, tenho a certeza moral de que os cavallos tambem choraram, e d'este modo fica completo o aporoto.

Porém, quando a necessidade aquartava, elle podia ficar firme como diamante. No valle do Libano um moço arabe — christão (elle tem o cuidado de expor que os musulmanos não furtam) — subtrahiu-lhe a polvora e a bala no valor insignificante de dez dollars. Acusou-o a um sheik, e esteve presente quando o arabe foi castigado com a terrivel bastonada. Onvi o que elle diz:

«Monsa estava de costas soltando gritos e exclamações, mas foi levado para a praça deante da porta, onde poderiamos ver o castigo, e collocado com o rosto para baixo. Um homem assentou-se-lhe nas costas, e sobre as pernas outro, que lhe segurou os pés levantados, enquanto um terceiro lhe dava nas plantas dos pés com um koorbash (!) de couro de rhinoceronte, que zunia no ar a cada golpe. O pobre Moreright estava na agonia, e Namia e Nama segunda (a mão e a irmã de Monsa) estavam de rojo, com rogos e lamentações, ora abraçadas aos meus olhos, ora aos de Whitley, enquanto o irmão da parte de fóra atrovava os arcos com gritos mais estridentes que os de Monsa. Até Yusuf vein pedir-me de olhos que cessasse o castigo e por ultimo Betuni — o maroto tinha descaminhado um sacco de comestiveis em casa d'elles e tinha feito algumas destruições n'essa manhã — pensava que o Howajji teria dó do homem.»

Mas elle não! O castigo foi suspenso ao decimo quinto golpe para ouvir a confissão. Grimes e a sua gente rotiraram-se então, deixando toda a familia christã ser multada e castigada com tanta severidade como o sheik musulmano julgasse conveniente.

«Quando montei a cavallo, Yusuf pediu outra vez a minha intervenção, e que tivesse dó d'elle, mas eu relanceei os olhos pelas negras feições da turba, e não pude encontrar no coração uma gota de piedade em seu favor.»

Termina o quadro com uma pronunciada explosão humoristica, que contrasta bellamente com o pesar da mãe e dos filhos.

Ainda mais um paragrapho:

«Então curvei a cabeça mais uma vez. Não é vergonha ter chorado na Palestina. Chorei ao luar em Belem, chorei nas praias abençoadas da Gallia. A minha mão não era menos firme na rodela, nem o meu dedo tremia no gatilho da pistola, quando eu seguria a cavallo com ella na minha mão direita pela praia do azul mar (chorando). Não se souo truvon a vista com essas lagrimas nem o meu coração enfraqueceu nada. Quem escarnecer da minha commoção feche aqui este livro, porque ha de achar poucas cousas do seu gosto nas digressões pela Terra Santa.»

Sei que esta é uma noticia algum tanto extensa do livro de Grimes. Contudo, é conveniente e legitimo fa-

(1) Palavra arabe, que quer dizer couro de vacca, vindo n'este caso vacca a significar rhinoceronte. E' o couro mais cruo que ha. Pesado como chumbo, e flexivel como borracha, mede ordinariamente cerca de quarenta polegadas de comprimento, e, adveigando gradualmente, desce a uma polegada de diametro até a ponta, inflige um golpe que *deixa signal por algum tempo.* — A vida em heros no Egypto pelo mesmo auctor.

lar delle, porque *A vida nomada na Palestina* é um livro exemplo — exemplo d'uma classe de livros sobre a Palestina — e a critica d'elle serve para a critica de todos os mais, e desde que me occupo d'elle, considerando-o como um livro - exemplo, tomei a liberdade de dar a ambos, livro e autor, nomes suppositos. Quer-me parecer que é do melhor gosto proceder d'esse modo.

XX

A infancia do Salvador—Singularidades improraveis de peregrinos sobre—Casa da felleira de Endor—Naim—Profanação—Um quadro oriental popular—Metaphoras biblicas que se tornam rapidamente mais intelligíveis—O milagre de Shunem—O filho livre do deserto—A antiga Jazerel—Perfeições de Jehu—Samaria e o seu famoso circo.

Nazareth é interessante a mais não ser, porque o seu aspecto parece exactamente o mesmo que era quando Jesus a deixou, e a gente surprehende-se a dizer a todo o instante: — O menino Jesus esteve n'este portal — brinca n'aquella rua — tocou estas pedras com as suas mãos — vagou por estes aridos outeiros. Quem escrever com talento a infancia de Jesus fará um livro que ha de ter um vivo interesse para novos e para velhos. Leva-me a pensar d'este modo o cansar maior interesse Nazareth do que qualquer das nossas cogitações sobre Capharnaum e o mar da Galiléa. Quedando á beira do mar da Galiléa, não era possível formar mais do que uma idea vaga, muito remota, do majestoso personagem, que ainda por sobre as ondas agitadas como se ellas fossem terra firme, e que, tocando os mortos, estes se erguiam e falavam. Entre os meus apontamentos lido agora, e a interesse novo, alguns principios de capitulos copiados de uma edição de 1621, do Novo Testamento apocrypho. (Excerpto).

«Christo, osculado por uma noiva, que os bruxos tinham tornado mudo, cura-a. Uma rapariga leprosa curou-se com a agua em que o menino Jesus se tinha lavado, e foi servir José e Maria. Do mesmo modo se curou o filho leproso de um príncipe.

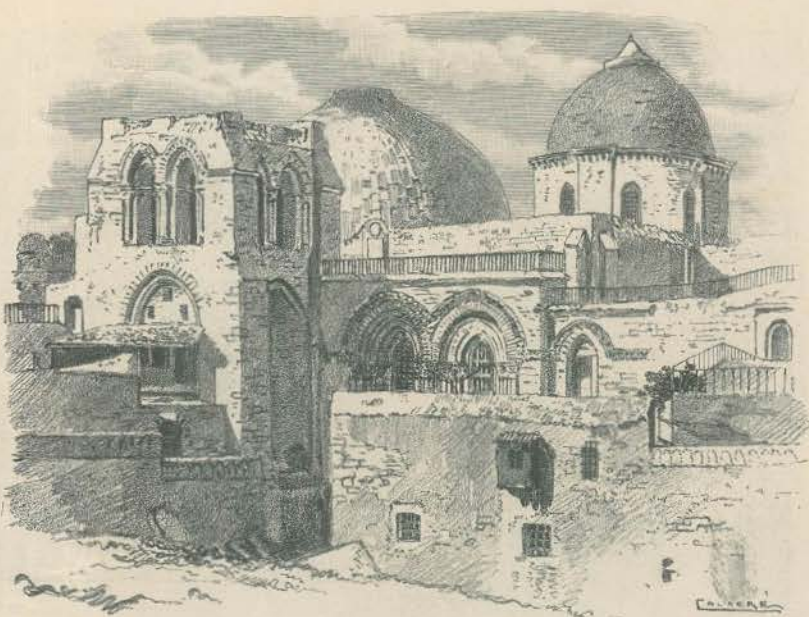
«Um rapaz, que fora enfeitado e convertido n'uma mula, curou-se milagrosamente por ter montado n'ella o menino Jesus, e casou com a rapariga que se tinha curado da lepra. Pelo que os circunstantes deram louvores a Deus.

«Capitulo 10. Christo milagrosamente alarga ou encurta portas, tarros, peneiras ou calças, que José tinha feito mal, não sendo aquelle pezo no officio que este tinha de carpinteiro. O rei de Jerusalem encomenda um throno a José, que n'elle trabalha dois annos, e o faz mais curto dois palmos. O rei enfurece-se contra elle, Jesus consola-o — diz-lhe que puxe por um lado do throno, enquanto elle puxa pelo outro, e dá-lhe as dimensões convenientes.

«Capitulo 19. Jesus, tendo que atirar um rapaz do tecto de uma casa, faz milagrosamente que o morto fale e manda-o em paz; vai buscar agua para sua mãe, quebra o cantaro, e miraculosamente recolhe a agua no seu manto e leva-a para casa. Pelo que os circunstantes dão louvores a Deus.

«Mandado para a escola, recusa dar lição, e ao mestre, que lhe ia bater, mirra-se a mão.»

Mais adeante n'este antigo volume de evangelhos rejeitados encontra-se uma epistola de S. Clemente aos corinthios, que era lida nas igrejas e lida por gentinha ha quatorze ou quinze seculos. N'ella se encontra esta noticia da fabulosa phoenix:



SANTO SEPULCRO

1. Tratamos d'esse typo maravilhoso da resurreição, que se vê nos paizes orientaes, isto é, na Arabia.
2. Ha uma certa ave, chamada phoenix. Não existe senão uma ao mesmo tempo, e vive quinhentos annos. E, quando se aproxima o termo da sua existencia, para poder morrer, faz ella propria um ninho do incenso, myrrha e outras especiarias, no qual, quando os seus dias estão contados, entra a morrer.
3. Porém, a sua carne em putrefacção gera um certo verme, que, alimentandoso do succo da ave morta, deita penas; e quando o seu crescimento chegou á perfeição, pega no ninho em que sua mãe jaz, e leva-o da Arabia para o Egypto, a uma cidade que se chama Heliopolis.
4. E, voando pelo dia zelando aos olhos de todos, colloc-a sobre o altar do sól, e volta para doado vultu.
5. Então os sacerdotes consultam as memorias do tempo e acham que ella voltou precisamente ao cabo de quinhentos annos.

tantos partes do livro lê-se como boa Escripura. Ha um versículo, que não deveria ser rejeitado, porque se refere profeticamente com muita clareza ao teor geral dos congressos dos Estados Unidos.

199. Apresentam-se com dignidade e como homens prudentes; e, posto que sejam tolos, diriais que são professores.

Dei esses excerptos como os encontrei. Por toda a parte, nas cathedras da França e da Italia, encontram-se tradições de personagens que não ha na Biblia, e de milagres que se não tocam nas suas paginas. Mas veem todos n'esse Novo Testamento apocrypho, e, conquanto fossem expungidos da nossa moderna Biblia, ha quem sustente que, ha doze ou quinze seculos, eram accetos como evangelho, que tinha o mesmo credito dos outros. E, pois, necessario, ler esse livro, antes de visitar essas venerandas cathedras, com os seus thesouros de tradição olvidada.

Impuzeram-nos outro pirata em Nazareth—outro invencivel guarda arabe. Dêmos uma ultima vista de olhos á cidade, pendurada na encosta do monte como um ninho de vovpa caído, e partimos ás oito horas da manhã. Apontamos e levamos os cavallos á redea por um caminho do pé posto, que me pareceu tão torcido como um sacaculhas; e qual em sei ser tão ingreme como meia curva do um arco-iris, e que eu creio ser o peor pedaço de estrada na geographia, exceptuando uma que ha nas ilhas Sandwich, de que tenho dolorosas recordações, e talvez um ou dois atalhos de montanha na Serra Nevada. Muitas vezes, n'esse estreito caminho, o animal tinha de se equilibrar sobre uma rude lage e de estender a perna dianteira sobre a aresta e para baixo mais do que metade da sua altura. Isto fazia-lhe approximar o focinho do chão, no passo que a cauda apontava para o céu, e parecia então que elle se dispunha a firmar-se sobre a cabeça. N'esta posição um cavallo não faz boa figura. Acabamos, finalmente, a longa descida, e largámos a tropa pela grande planície de Esdrum.

Alguns de nós tocam de levar o seu tiro antes de terminada esta peregrinação. Os peregrinos têm a *Vida nomada*, e ficam n'um estado constante de heroidicidade quichotesca. Não todo o tempo com as pistolas nas mãos e uma vez por outra, quando menos se espera, tiram-nas e apontam a beduinos que se não vêem, e puxam das facas com as quaes dão golpes selvagens n'outros beduinos que não existem. Estão sempre em perigo mortal, porque esses espasmos são subitos e irregulares, e consequentemente não se pode saber quando é a occasião de estar fóra do alcance. Se acaso eu fór alguma vez assassinado, durante um d'esses frenezias romanticas dos peregrinos, Grimes deve ser severamente intimado para responder como accessorio pelo facto. Se os peregrinos formassem o proposito deliberado de atirar a um homem, tudo iria bem — porque esse homem não correria perigo nenhum; mas a esses assaltos desatinados é que eu me oppoño.



PORTAL DE SANTA MARIA A GRANDE



O-ASPECTO EXTERIOR DA PRAÇA DE ALGES NO DOMINGO-27 DE ABRIL, EM QUE DEVIA REALISAR-SE A SUBIDA DO BALÃO DO «PERRAMENTA».

Tanto no interior da praça como nas imediações grande numero de pessoas aguardavam a ascensão do aerostato, o qual, faguido pela rede, foi pelos ares, deixando em terra os aeronautas. Houve grandes protestos, e o povo amotinou-se e foi custodiado a casto pela guarda municipal. Maga-

lhões, Costa e o Perramenta retiraram no dia seguinte para o Porto, onde vão construir, segundo se diz, um novo balão.

### CHRONICA ELEGANTE

A elevada temperatura de alguns dias d'este formoso abril, posto que já produzisse no nosso meio elegante uns pruridos de emigração, não foi ainda todavia de molde a iniciar o periodo definitivo das villegiaturas. Por enquanto todos continuam em Lisboa. Até quando? Não é facil prevê-lo, porque não existe

na nossa *season* um acontecimento memoravel, uma attracção qualquer que marque a época depois da qual se deverá effectuar a debandada geral, como succede em Londres com o Derby e em Paris com o *grand Prix*. Mas, na falta de festa sensacional, cada um obedece unicamente ao seu desejo ou conveniencia especial e muitos vão sahindo da cidade á *formiga*, sem esperarem mesmo pela época estival. Assim se explica o afan, a febre, o entusiasmo que reina nos *magasins* elegan-

tes que se encontram nas horas da tarde repletos de tudo quanto Lisboa conta de mais aristocratico, opulento e *smart*. As ruas da buíça, mórmente o Chiado, vêem desfilarem mais ricas equipagens das quaes descem gentilissimas damas em busca das ultimas attracções da moda. E nunca ella foi tão benévola e tão agradável a todos. A pardos tecidos de rara sumptuosidade vêem-se figurar fazendas leves, claras, vaporosas como um sopro, outras do aspecto rudo e solido destinadas a supportar sem gravame as poeiras e os fumos dos automoveis e dos comboios. Ao lado das opulentas e aprimoradas *toilettes* de recepção, visita, *garden parties*, ostentam-se com toda a correcção e severidade de linhas os costumes *trousseurs*, que as nossas *touristes* envergão para as suas excursões pelas montanhas alpinas, do *alpenstock* em punho, em busca do *edelweiss* *porte-banquet*.

Até o classico guarda-pó, de fradesca memoria, é hoje substituído pelo elegantissimo *pare-pansière*, que se executa em tafetas cinzento ou *beige*, parcimoniosa-

mente guarnecido de pespontos, mas forrado de seda branca.

Nas *toilettes d'intérieur* mantem-se a mesma nota de aprimorado gosto e luxuosa fantasia. O *tea-gown* é hoje tão opulento como a *toilette* de sarão e guarnece-se de rendas valiosas, de laços de fita e de toda a sorte de enfeites custosos. O *paletot* continua a ser indispensavel e para os casos elegantes, passados na cidade, sahidas de corridas, etc., executa-se em panno muito claro com bordados a cores diversas com fios de ouro e prata.

FIG. 1—*Tea-gown* em *crêpe* de China cor de laranja guarnecido de rendas *point d'Irlande*. Laço de fita manuve *clair*.

FIG. 2—*Paletot* do panno branco *plissé* guarnecido de galho *viens rose* bordado a ouro e prata. Chapéu de violetas do Parma evênd *drapé* em *lulle Malines*.

FIG. 3—*Pare-pansière* em tafetas *gris acier* forrado de seda branca. Toque do viagem *palha gris* com ven de gaze.



FIGURA 1



FIGURA 2



FIGURA 3

154-965  
-4-